



Um em Cristo, unidos na missão



**Meditações sobre as Leituras Bíblicas
da Santa Missa
Mês Missionário - Outubro de 2026**

*A pedido da Pontifícia União Missionária, colaboraram na elaboração
destas meditações as seguintes Direções Nacionais das POM:
Itália, Índia e Estados Unidos.*

Quinta-feira, 1 de outubro de 2026¹

Santa Teresa do Menino Jesus, Virgem e Doutora da Igreja

Jó 19,21-27; Sl 26; Lc 10,1-12

A liturgia introduz-nos imediatamente no tema da missão, que nos acompanhará ao longo de todo o mês de outubro, neste ano em que celebramos o centenário do Dia Mundial das Missões (DMM) e o 110º aniversário da fundação da Pontifícia União Missionária (PUM). A primeira leitura apresenta o clamor de Job, que, no meio do seu sofrimento, expressa o desejo de ver Deus em ação; ou seja, de ser libertado, ainda nesta terra, do seu sofrimento.

Jesus responde a essa expectativa de libertação quando, na passagem do Evangelho, exorta os seus discípulos a orarem ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe, e imediatamente depois envia 72 deles em missão. De facto, Lucas já havia mencionado pouco antes, referindo-se ao Evangelho de Marcos, o envio inicial de doze discípulos, aqueles que, em sua opinião, poderiam ser considerados apóstolos plenos. Agora, porém, baseando-se noutra tradição, ele relembra o envio de mais setenta e dois discípulos.

Jogando com os números, Lucas quer mostrar que Jesus, depois de enviar os doze às doze tribos de Israel, também pensou nas outras nações, que, segundo o livro de Gênesis (em sua tradução grega), somavam precisamente setenta e duas. A ambos, Jesus atribui a tarefa de anunciar a iminente vinda do reino de Deus. Isso significa o início de um novo mundo, no qual a dor será aliviada e a paz, juntamente com a justiça e a solidariedade, finalmente prevalecerá.

Este é o ideal que os enviados devem agora proclamar, potencialmente ao mundo inteiro, ilustrando-o antes de tudo com as suas próprias vidas. Portanto, devem comportar-se como cordeiros entre lobos, rejeitando assim a tentação de construir um mundo melhor através da violência. Além disso, devem contentar-se com o alimento que lhes é oferecido, evitando talvez os escrúpulos alimentares que prejudicavam as relações interpessoais. Por fim, Jesus dá aos apóstolos o poder de curar os enfermos não só no corpo, mas também no espírito. O envio dos 72 discípulos toca-nos profundamente. O Papa Francisco escreve: “No seguimento de Cristo Senhor, os cristãos são chamados a transmitir a Boa Nova, partilhando as condições concretas de vida daqueles que encontram e tornando-se assim portadores e construtores de esperança” (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2025*). E os missionários também desempenham esta tarefa em nosso nome.

¹Os comentários de 1 a 7 de outubro foram fornecidos pela Direção Nacional da POM na Itália (*Missio Italia*), à qual expressamos a nossa sincera gratidão, especialmente ao autor dos textos, Rev. Pe. Alessandro Sacchi, missionário do PIME.

Sexta-feira, 2 de outubro de 2026

Santos Anjos da Guarda

Êx 23,20-23; Sl 90; Mt 18,1-5,10

A primeira leitura da liturgia de hoje não fala de anjos da guarda, mas de um mensageiro (anjo) que, curiosamente, tem o nome sagrado de Deus. Esta é uma imagem tipicamente bíblica: Deus tem a sua morada nos mais altos céus, mas ao mesmo tempo está presente neste mundo. Essa aparente contradição se resolve imaginando que Deus permanece lá em cima, mas age aqui em baixo por meio de um seu mensageiro, que é, na verdade, o próprio Deus, visto que está presente e atuante neste mundo.

Para Israel, esta presença misteriosa manifestou-se primeiramente na libertação do povo da escravidão a que fora submetido no Egito e na sua condução a uma terra que mana leite e mel. Um Deus que os acompanhou naquela longa jornada, amparando-os e ajudando-os a superar as dificuldades encontradas e, sobretudo, que lhes falou e lhes deu uma lei de liberdade, os Dez Mandamentos, que garantiam relações de justiça e fraternidade entre o povo. Se o povo tivesse transgredido essas normas, inevitavelmente teria retornado à escravidão, como de fato aconteceu com a queda de Jerusalém e o exílio babilônico.

Jesus também proclamou o seu evangelho de liberdade, caminhando pelas ruas da Galileia, compartilhando as alegrias e os sofrimentos, muitas vezes trágicos, do povo comum; manifestou a sua predileção pelos menos afortunados, aqueles afligidos por doenças repugnantes ou que exerciam profissões desprezadas, o que os forçava a viverem nas margens da sociedade e os excluía do culto; as crianças eram um excelente exemplo.

A todos esses, Jesus dirigiu as suas preferências e ensinou que somente aqueles que se humilham podem entrar no reino de Deus. Este é o caminho trilhado por muitos missionários, que conseguiram tocar os corações das pessoas anunciando a vinda do reino de Deus e manifestando, com palavras e ações, a misericórdia de Deus para com todos, começando pelos mais pobres e desfavorecidos. “Missão é saída incansável rumo a toda a humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus” (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024*). E este é também o caminho que os missionários, com seu exemplo, indicam às suas igrejas de origem.

Sábado, 3 de outubro de 2026

Job 42,1-3.5-6.12-17; Sl 118; Lc 10,17-24

Job era um homem muito rico que se considerava honesto e justo, e estava convencido, de acordo com a mentalidade da época, de que a própria quantidade de seus bens confirmava isso. Portanto, quando foi privado de tudo, enfrentou o julgamento severo daqueles que acreditavam que isso se devia a algum pecado grave que ele havia cometido. Job, porém, não se resignou a ser tratado como um pecador. Por isso, protestou veementemente contra Deus, que o havia colocado naquela situação difícil. Finalmente, o próprio Deus entrou em cena e respondeu simplesmente descrevendo as maravilhas que havia realizado neste mundo, que atestavam o Seu poder inquestionável. Agora, Job finalmente havia visto, isto é, compreendido, que Deus age neste mundo não como um juiz que distribui recompensas ou punições, mas como uma energia vital que move este mundo e se manifesta naquele anseio por bondade, benevolência e amor que reside nas profundezas do coração humano.

Os discípulos enviados por Jesus para proclamar a vinda do reino de Deus perceberam que Deus, de maneira misteriosa, os havia precedido. Era Ele quem operava nos sinais que realizavam, os quais manifestavam a sua vitória sobre as forças do mal e a sua misericórdia para com todos os que sofriam de doenças e sofrimentos de qualquer tipo. A única tarefa deles era manter viva a esperança de um mundo melhor, no qual o mal desapareceria definitivamente. Deus, portanto, não é prerrogativa exclusiva de judeus ou cristãos, mas está presente e atuante em todos, e deve ser buscado e descoberto em todos.

É isso que João Paulo II enfatiza quando escreve: “O Concílio Vaticano II lembra a obra do Espírito no coração de cada homem, cuidando e fazendo germinar as “sementes do Verbo”, presentes nas iniciativas religiosas e nos esforços humanos à procura da verdade, do bem, e de Deus” (*Redemptoris missio* 28). Esta é a mensagem que os missionários proclamam às suas igrejas de origem, ajudando-as assim a não ficarem presas aos seus paradigmas dogmáticos e morais, mas a abrirem-se ao mundo exterior e a buscarem também ali a misteriosa presença de Deus.

Domingo, 4 de outubro de 2026

XXVII Domingo do Tempo Comum

Is 5,1-7; Sl 79; Fil 4,6-9; Mt 21,33-43

Segundo a tradição evangélica, na véspera da sua paixão, Jesus contou a parábola dos lavradores assassinos, na qual prefigurou o dramático evento da sua morte. A liturgia deste domingo apresenta essa parábola recordando um aspecto da sua mensagem, referente ao dogma fundamental de Israel, a saber, a sua identidade como povo escolhido. De facto, como primeira leitura, o texto apresenta uma passagem de Isaías com a alegoria da vinha, que descreve o amor de Deus por esse povo que, em vez de lhe ser fiel, rebelou-se contra ele: uma traição que consistiu essencialmente na transgressão das normas contidas no Decálogo, que formavam a base da aliança entre Deus e Israel. Sem a prática da justiça, a aliança não poderia existir, e Isaías afirmou isso, ameaçando a destruição da vinha.

Jesus retoma este tema, dirigindo-se, como Lucas havia enfatizado pouco antes, aos principais sacerdotes e aos anciãos, isto é, aos guardiões da aliança. Eles consideravam-se intermediários entre Deus e o seu povo, e disso derivavam honra, respeito, poder e vantagens materiais. Em virtude dessa prerrogativa, entravam na vida das pessoas, colocando sobre os ombros dos outros fardos que eles próprios não estavam dispostos a carregar (cf. Mt 23,4). E para garantir esses privilégios, aliavam-se aos romanos e participavam com eles da exploração do povo. Contra essa exploração da religião, Jesus protestou expulsando do templo os vendedores de pombas e os cambistas, que agiam em nome dos sacerdotes. Agora, ele compara-os aos lavradores assassinos que se rebelam contra o dono da vinha, prevendo a sua ruína e a transferência da aliança para outros.

Mateus sugere que Jesus se referia à Igreja, que, segundo Paulo, representa o Israel dos últimos tempos, a guardiã da nova aliança prometida pelos profetas. Infelizmente, ao longo dos séculos, até mesmo os líderes da Igreja muitas vezes caíram nas mesmas contradições dos sacerdotes e anciãos de Israel, considerando a adesão à Igreja o único caminho para a salvação e impondo aos fiéis doutrinas e práticas que nem sempre estão em conformidade com os ensinamentos de Jesus. Era isso que Paulo queria evitar quando, na passagem da carta aos Filipenses citada na liturgia deste domingo, os exortou a valorizar tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável e honroso — em suma, tudo o que é virtuoso e louvável, onde quer que se encontre.

O Papa Francisco fez alusão a esta diretiva quando, na sua *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, o Papa Francisco aludiu a esta diretiva em 2025, o Papa exortou os cristãos a serem “missionários da esperança entre os povos” e a não se limitarem a atitudes fechadas ou autorreferenciais, mas a proclamarem o Evangelho reabrindo dinâmicas de fraternidade, compaixão e serviço. Muitos missionários venceram a tentação a que o Papa se refere quando se encontraram em meio de populações não cristãs, para as quais o sacerdócio não lhes conferia privilégios e para as quais os modelos e estruturas das igrejas antigas já não se aplicavam. A sua experiência certamente contribuiu para que concebêssemos a Igreja não como a única arca da salvação, mas como uma comunidade de irmãos e irmãs ao serviço da verdadeira paz e do progresso partilhado e solidário.

Segunda-feira, 5 de outubro de 2026

Gl 1,6-12; Sl 110; Lc 10,25-37

O outro evangelho que Paulo, na sua carta aos Gálatas, denuncia como uma traição ao verdadeiro evangelho de Jesus, consiste na ideia de que os pagãos não poderiam ser acolhidos na comunidade cristã a menos que aceitassem a circuncisão e se comprometessem a observar a Lei de Moisés. Para Paulo, não é assim: o pagão deve ser acolhido na sua humanidade, sem condições discriminatórias, porque somente Jesus é o autor da salvação.

Na passagem do Evangelho, Jesus aborda um tema semelhante em uma conversa com um advogado. O advogado perguntou-lhe o que deveria fazer para obter a vida eterna, e Jesus concordou que ele deveria observar o mandamento que exige amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. O advogado então fez-lhe outra pergunta: “E quem é o meu próximo?”. Em resposta, Jesus contou uma parábola baseada num acontecimento recente: um judeu havia sido atacado por ladrões, que o roubaram e o deixaram quase morto à beira de uma estrada deserta. Primeiro um levita e depois um sacerdote passaram por ali, mas não pararam; então um samaritano chegou e ofereceu ao homem desafortunado a ajuda de que ele precisava. Esse foi um gesto humanitário, mas revelou uma anomalia: os dois primeiros eram homens religiosos para quem o necessitado, sendo judeu, era seu próximo, mas eles não o reconheciam como tal. Para o samaritano, porém, ele não era próximo, mas distante, pois pertencia a um povo diferente, hostil e rival; ao interessar-se por ele, tornou-se seu próximo.

A interpretação é clara: o amor não deve ser dirigido apenas àqueles com quem temos parentesco, amizade ou interesses em comum, mas deve abrir-se a todos os necessitados. Assim interpretaram os missionários o ensinamento do Senhor, tornando-se próximos de pessoas distantes e desconhecidas, oferecendo-lhes toda a ajuda possível e rompendo com qualquer discriminação causada pela diversidade étnica, linguística e cultural. O exemplo dos missionários é particularmente oportuno hoje para os cristãos nas nossas comunidades ancestrais, que são convidados a reconhecer como próximos, dignos de amor, os muitos povos distantes que, impelidos pela pobreza e pela guerra, chegaram às nossas costas. A missão é uma constante saída de si, uma jornada que rompe fronteiras, supera barreiras e leva o Evangelho aonde quer que a humanidade esteja ferida (cf. *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2022*). Desta forma, a Igreja torna-se um lar aberto, um lugar de encontro, onde diferentes povos se reconhecem como irmãos e irmãs.

Terça-feira, 6 de outubro de 2026

Memória de São Bruno

Gl 1,13-24; Sl 138; Lc 10,38-42

Antes de se converter a Cristo, Paulo não era um incrédulo. Como fariseu, conhecia bem as Escrituras e certamente estava ciente da pregação de Jesus. Se perseguia os cristãos, talvez fosse por medo de que o movimento cristão, com sua forte carga messiânica, arrastasse as comunidades judaicas para uma perigosa tensão com as autoridades romanas. A sua conversão a Cristo e o seu compromisso com a proclamação do Evangelho certamente não foram o resultado de uma decisão repentina, mas o culminar de profunda reflexão. Embora fosse um homem de ação, era também um homem de oração, um místico que encontrou Jesus e compreendeu Seu papel central no plano de Deus.

A estreita ligação entre oração e ação é ilustrada por Lucas através da história do encontro de Jesus com as duas irmãs, Marta e Maria. Jesus não repreende Marta por viver atarefada: esse era o seu dever como dona da casa. Ele simplesmente diz que Maria, atenta à sua palavra, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada. Na relação com Jesus, portanto, a primazia pertence não à acção, mas à oração, entendida como a escuta do Evangelho de Jesus, seguida de reflexão e de uma resposta pessoal; e isso não apenas em ocasiões especiais, mas como um estilo de vida. Este é um princípio facilmente compreendido. O Evangelho que Jesus confiou à Igreja não é um conjunto de doutrinas, preceitos e rituais a serem aprendidos e transmitidos cegamente. Em vez disso, é uma mensagem de salvação que deve sempre ser “ensaiada”, explorada e aplicada à realidade da própria vida antes de ser comunicada aos outros.

Essa necessidade é sentida particularmente pelos missionários que, por sua própria vocação, levam o Evangelho a ambientes diferentes daqueles em que nasceram e cresceram, mas aplica-se a todos nós. O Papa Francisco enfatiza isso quando escreve: “Rezando, mantemos viva em nós a centelha da esperança, que foi acesa por Deus para que se torne um grande fogo, iluminando e aquecendo todos os que nos rodeiam, também através de ações e gestos concretos inspirados pela mesma oração.” (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2025*). Isso, no entanto, só é possível se evitarmos limitar a oração a uma série de pedidos ou fórmulas repetidas de forma mecânica.

Quarta-feira, 7 de outubro de 2026

Memória da Bem-Aventurada Virgem Maria do Rosário

Gl 2,1-2.7-14; Sl 116; Lc 11,1-4

A divergência entre Paulo e Pedro deve ter sido particularmente séria se levou ao confronto direto relatado pelo próprio Paulo na sua Carta aos Gálatas. Segundo o relato de Lucas, nos Atos dos Apóstolos, Pedro foi o primeiro a compreender que não era necessário exigir que os pagãos que seguiam a Cristo observassem as normas alimentares e rituais da lei mosaica. Portanto, como Paulo recorda, embora permanecesse pessoalmente fiel a essas normas, ele se sentia livre para transgredilas a fim de compartilhar refeições comunitárias com cristãos que haviam vindo do paganismo.

Paulo, também na sua carta aos Romanos, apoia essa posição. Se ele critica Pedro, é porque, em certo momento, por medo daqueles judeus cristãos que tinham opiniões diferentes, Pedro recuou, criando assim uma cisão na comunidade. O incidente do conflito entre Paulo e Pedro destaca a importância de sempre buscar sinceramente o que realmente estabelece a unidade dos crentes uns com os outros e com Cristo. Nesse sentido, na sua *Mensagem para o Domingo Mundial das Missões em 2026*, o Papa Leão XIV escreveu: “Ser cristão não é, em primeiro lugar, um conjunto de práticas ou ideias: é uma vida em união com Cristo [...]. Desta união, brota a comunhão recíproca entre os crentes e nasce toda a fecundidade missionária.”

Se quisermos compreender o que é essencial ao cristianismo, a oração ensinada por Jesus, o Pai Nosso, encontrada na passagem do Evangelho, pode ser útil. Nela, Ele ensina-nos a invocar Deus como Pai: naturalmente, isso pressupõe a consciência de que todos os seres humanos são irmãos e irmãs, dotados dos mesmos direitos e deveres; e, portanto, devem sempre respeitar-se e amar-se uns aos outros. A santificação do nome de Deus expressa, em harmonia com a linguagem do profeta Ezequiel, a esperança de um mundo melhor, o reino de Deus, pelo qual vale a pena lutar. Consequentemente, afirma-se a necessidade de uma distribuição justa do pão — isto é, dos bens da terra — entre todos, e a remissão mútua dos pecados; finalmente, pede-se ajuda para sermos libertados da tentação, ou seja, da ilusão de poder tornar o mundo um lugar melhor pelo exercício do poder. Esta é a mensagem fundamental que Jesus confiou à sua Igreja e que os missionários testemunham em todo o mundo.

Quinta-feira, 8 de outubro de 2026²

Gl 3,1-5; Lc 1,68-75; Lc 11,5-13

A Palavra de Deus hoje coloca a missão no centro da própria fé. Na Carta aos Gálatas, Paulo desafia os gálatas perguntando: “Foi pelas obras da Lei que vocês receberam o Espírito, ou foi porque vocês ouviram a mensagem da fé?” (Gl 3,2). A missão não começa com esforço humano ou correção ritual, mas com docilidade ao Espírito. Quando a fé se reduz à simples observância externa, a missão define-se. Quando a fé permanece um encontro com Cristo vivo, o Espírito continua a agir, a transformar e a enviar. Como nos lembra *Ad Gentes*, a Igreja é “missionária por natureza”, nascida do envio do Filho e do Espírito (AG 2).

O Benedictus de Zacarias (Lc 1,68-75) *situa* a missão no contexto da fidelidade salvadora de Deus. Deus visita e redime o seu povo, não para o envolver em privilégios, mas para o libertar “das mãos dos seus inimigos,” para que possa servir sem medo, em santidade e justiça. A missão é libertação para o serviço. Como enfatizam reflexões missionárias recentes, a Igreja não se proclama, mas dá testemunho de Deus, que permanece fiel às suas promessas e atento aos clamores da humanidade (cf. Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024*; ver também 2 Cor 4,5).

No Evangelho (Lc 11,5-13), Jesus apresenta a oração como uma confiança ousada e perseverante. O discípulo missionário é aquele que bate à porta incansavelmente, confiante de que o Pai não envia pedras, mas o Espírito Santo. A missão é sustentada não apenas pela estratégia, mas pela oração que ousa pedir. Como afirma *Ad Gentes*, o Espírito é o principal agente da missão, que prepara os corações e guia os evangelizadores (cf. AG 4).

Num mundo marcado pelo cansaço e pelo medo, as leituras de hoje convidam a Igreja a renovar o seu zelo missionário: a confiar no Espírito, a servir livremente e a orar com perseverança. Só uma Igreja alicerçada na fé, na oração e na esperança pode verdadeiramente proclamar Cristo a todas as nações.

²Os comentários de 8 a 16 de outubro foram fornecidos pela Direção Nacional da POM na Índia, à qual expressamos nossa sincera gratidão, especialmente ao autor dos textos, Rev. Prof. Yesu Karunanidhi, Missionário da Misericórdia da Arquidiocese de Madurai, Índia.

Sexta-feira, 9 de outubro de 2026

Memória de São João Leonardi, sacerdote, e de São João Henrique Newman, sacerdote e Doutor da Igreja

Gl 3,7-14; Sl 110; Lc11,15-26

As leituras de hoje revelam o cerne do Evangelho como uma proclamação missionária de liberdade, bênção e escolha decisiva.

Na primeira leitura, Paulo redefine corajosamente o que significa pertencer ao povo de Deus: “Saibam, portanto, que somente aqueles que têm fé são filhos de Abraão” (Gl 3,7). A missão não é a expansão de um sistema cultural ou jurídico, mas o alargamento da fé. Cristo redime a humanidade da maldição da lei, tornando-se ele próprio maldição, para que “a bênção de Abraão se estendesse aos pagãos” (Gl 3,14). Aqui reside o cerne da exegese missionária: a cruz não é um obstáculo à missão, mas a sua fonte. Como ensina *Ad gentes*, a Igreja é enviada para tornar presente este mistério da salvação entre todos os povos, não por imposição, mas pela proclamação da graça (cf. AG 6).

No Salmo 110, o salmista agradece a Deus pela sua fidelidade à aliança. Deus lembra-se da sua aliança e do seu povo. A missão surge do facto de Deus se lembrar de nós, e de nós nos lembrarmos dos outros. O ensinamento missionário contemporâneo enfatiza que a evangelização hoje requer uma autoridade espiritual enraizada na comunhão com Cristo, não no poder ou na ideologia (cf. Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2025*).

Na leitura do Evangelho, Jesus aborda a acusação de que sua missão é motivada pelo mal. Ele responde claramente: “Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou até vós!”. A missão é uma luta espiritual. A neutralidade é impossível: “Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês” (Lc 11,20). O Evangelho adverte contra uma fé vazia que expulsa o mal, mas não acolhe a Cristo. Uma casa limpa, mas desabitada, torna-se vulnerável novamente.

Portanto, os discípulos missionários são chamados não apenas a rejeitar o mal, mas também a serem cheios de Cristo. Como afirma *Ad Gentes*, a conversão consiste tanto em afastar-se dos ídolos quanto em abrir completamente a vida ao Deus vivo (cf. AG 13). Somente uma Igreja habitada por Cristo pode ser um sinal crível do Reino para o mundo.

Sábado, 10 de outubro de 2026

Gl 3,22-29; Sl 104; Lc 11,27-28

A Palavra de Deus hoje proclama uma visão profundamente missionária de fé, identidade e pertença. Na primeira leitura, Paulo anuncia uma viragem decisiva na história da salvação. A Lei, outrora guardiã, dá lugar à fé em Cristo. Pelo baptismo, os crentes são “revestidos de Cristo” e entram numa nova comunhão onde as divisões perdem o seu poder: “Não há mais diferença entre judeu e grego [...] pois todos vocês são um só em Jesus Cristo” (Gl 3,28). A missão, portanto, não consiste em criar uniformidade, mas em revelar uma unidade mais profunda, enraizada em Cristo. A Igreja não exporta uma cultura; oferece uma nova identidade. Como afirma *Ad Gentes*, aqueles que creem em Cristo são incorporados a um povo oriundo de todas as nações, culturas e histórias (cf. AG 5).

O ensinamento missionário contemporâneo lembra-nos que a evangelização hoje deve estar atenta aos sinais do Espírito que já atuam nos povos, culturas e histórias, convidando à colaboração em vez da conquista (cf. Papa Leão XIV, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2026*).

No Evangelho (Lucas 11,27-28), uma mulher elogia a mãe de Jesus, mas Jesus redireciona a bênção: “Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”. O discipulado missionário não se define por privilégio ou proximidade, mas pela obediência à Palavra. Maria é bem-aventurada não apenas por ter dado à luz a Cristo, mas porque ouviu, acreditou e viveu plenamente a Palavra. A Igreja, como Maria, torna-se missionária quando escuta antes de falar.

Assim, as leituras de hoje convidam a Igreja a redescobrir a sua identidade missionária: revestida de Cristo, animada pelo Espírito e obediente à Palavra. Como ensina *Ad Gentes*, a missão é a manifestação do plano de Deus de reunir toda a humanidade em um só povo em Cristo (cf. AG 1). Uma Igreja que vive essa unidade torna-se um sinal crível de esperança para um mundo fragmentado.

Domingo, 11 de outubro de 2026

XXVIII Domingo do Tempo Comum

Is 25,6-10a ; Sl 22; Fil 4,12-14.19-20; Mt 22,1-14

A liturgia de hoje desdobra-se diante de nós como uma visão magnífica da generosidade de Deus, uma visão que fala profundamente à identidade missionária da Igreja. No coração da Palavra de Deus, encontra-se uma imagem poderosa e recorrente: um banquete preparado pelo próprio Deus. Isso não é coincidência. As Escrituras usam a linguagem da celebração para descrever a salvação, a comunhão, a alegria e a plenitude.

Na primeira leitura de Isaías, ouvimos uma das promessas mais reconfortantes da Bíblia: “O Senhor dos exércitos vai preparar no alto deste monte, para todos os povos do mundo, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos refinados.” Estas não são meramente imagens poéticas; são uma revelação teológica. O plano de Deus é universal. O banquete não é preparado para alguns escolhidos, não para os perfeitos, não para os privilegiados, mas para todos os povos. Aqui encontramos o fundamento mais profundo da missão. A Igreja não cria a sua vocação missionária; ela a recebe do próprio coração de Deus, que deseja que toda a humanidade seja reunida em Sua vida.

Isaías prossegue com palavras de profunda esperança: Deus removerá o véu que cobre as nações, destruirá a morte para sempre e enxugará as lágrimas de todos os rostos. A salvação é descrita não como uma fuga, mas como uma cura; não como uma exclusão, mas como uma restauração. A missão, portanto, é a participação na obra de vida e consolação de Deus. É a extensão da misericórdia divina às feridas do mundo.

O Salmo 22 ecoa essa mesma visão através da terna imagem do pastor: “Javé é o meu pastor [...]. Diante de mim preparas a mesa.” Mesmo no vale da sombra da morte, não há motivo para temer. Porquê? Porque a presença de Deus transforma tudo. A vida cristã é sustentada pela generosidade divina. A gratidão torna-se o solo fértil do qual nasce a missão. Aqueles que experimentaram o cuidado de Deus não podem permanecer fechados em si mesmos.

São Paulo, escrevendo aos Filipenses, revela a liberdade interior do discípulo missionário: “Aprendi a viver na necessidade e aprendi a viver na abundância” (Fil 4,12). O segredo de Paulo não é a força pessoal, mas a confiança centrada em Cristo: “Tudo posso naquele que me fortalece”. A vida missionária inevitavelmente passa por dificuldades e consolações, escassez e abundância. Contudo, quando Cristo se torna o verdadeiro tesouro, as circunstâncias perdem a sua tirania.

Paulo também expressa gratidão pela solidariedade da comunidade: “Vocês fizeram bem, tomando parte na minha aflição” (Fil 4,14). A missão nunca é uma empreitada isolada. Ela é sustentada pela oração, generosidade, sacrifício e comunhão. Aqui ouvimos o ensinamento constante dos Papas, especialmente em suas mensagens para o Dia Mundial das Missões. O Papa Francisco lembra-nos repetidamente que a missão pertence a toda a Igreja. Alguns são enviados, outros apoiam, mas todos estão envolvidos. O Evangelho avança por meio de uma rede de fé e caridade.

O Papa Francisco fala de uma Igreja que “segue em frente”, uma Igreja que se recusa a permanecer presa à sua zona de conforto ou ao seu instinto de auto-preservação. A missão, insiste ele, nasce de um encontro com Cristo e se expressa através da compaixão. A evangelização não é propaganda; é partilhar a alegria. É o transbordamento natural de um coração tocado pela misericórdia.

O Papa Leão XIV, dando continuidade a essa visão missionária, convida a Igreja a redescobrir a esperança como força motriz da evangelização. A missão sustenta-se na certeza de que Cristo está vivo e actuante na história. Não estamos a difundir uma mensagem abstrata, mas a testemunhar um Senhor vivo. A esperança dá coragem. A esperança gera perseverança. A esperança torna a missão possível mesmo num mundo cansado.

No Evangelho, Jesus apresenta a parábola do banquete de casamento. Mais uma vez, a imagem da festa. Mas agora deparamo-nos com uma tensão dramática: os convidados recusam-se a vir. A

tragédia não é a hostilidade, mas a indiferença. Estão distraídos, preocupados, absortos nas suas próprias aflições. Como isto soa oportuno. A missão hoje muitas vezes encontra não uma rejeição direta, mas um esquecimento silencioso, uma vida repleta de ruídos e urgências.

Contudo, o rei não cancela o banquete. Ele estende o convite: “Portanto, vão até as encruzilhadas dos caminhos, e convidem para a festa todos os que vocês encontrarem” (Mt 22,9). Esta é a missão em sua forma mais pura. O Evangelho expande-se. As fronteiras dissolvem-se. Convidados inesperados são acolhidos. Aqui vemos o mandato missionário da Igreja: o convite de Deus deve alcançar a todos, especialmente aqueles que jamais imaginaram que seriam incluídos.

Mas a parábola termina com uma advertência que nos faz refletir: o convidado sem a veste nupcial. Não se trata de decoro exterior, mas de transformação interior. A misericórdia de Deus é universal, mas nunca superficial. Aceitar o convite significa aceitar a conversão. A missão não é apenas inclusão; é participação numa vida transformada pela graça.

Tanto o Papa Francisco como o Papa Leão XIV enfatizam esse equilíbrio essencial. A Igreja proclama a misericórdia infinita e chama ao discipulado autêntico. O Evangelho consola, mas também transforma. O amor divino acolhe-nos como somos, mas nunca nos deixa inalterados.

Estas leituras falam diretamente às nossas vidas. Somos convidados para o banquete. A Eucaristia que celebramos já é um antegosto da festa de Isaías. Aqui Cristo reúne o seu povo. Aqui o céu toca a terra. Aqui a gratidão se torna missão. Cada Missa termina com um envio, lembrando-nos que a fé deve expandir-se para fora em testemunho.

Perguntemo-nos: vivemos como pessoas conscientes de termos sido convidadas? A nossa fé irradia alegria? A nossa esperança é visível aos outros? O mundo anseia, muitas vezes em silêncio, por significado, cura e esperança. A Igreja é enviada como sinal do banquete de Deus — sinal de que a comunhão é possível, de que a misericórdia é real, de que a vida triunfa sobre a morte.

As palavras de Isaías tornam-se a nossa oração: “Vejam o nosso Deus! É nele que esperávamos para que nos salvasse: celebremos e festejemos a sua salvação” (Is 25,9). A missão, em última análise, é esta alegria partilhada.

Segunda-feira, 12 de outubro de 2026

Gl 4,22-24.26-27.31-5,1; Sl 112; Lc 11,29-32

As leituras de hoje destacam o drama missionário da liberdade cristã, da fé e da responsabilidade. Em Gálatas 4,22–5,1, Paulo contrapõe a escravidão à liberdade por meio das figuras simbólicas de Agar e Sara. A mensagem é inequívoca: “Cristo libertou-nos para que sejamos verdadeiramente livres”. A missão começa precisamente com essa libertação interior. Uma Igreja que vive no medo, no legalismo ou na autoproteção não pode proclamar o Evangelho de forma convincente. Liberdade não é independência de Deus, mas vida no Espírito. Como ensina *Ad Gentes*, a Igreja é enviada para proclamar a gloriosa liberdade dos filhos de Deus (cf. AG 8). A evangelização, portanto, não é a imposição de fardos, mas a proclamação da libertação em Cristo.

O Salmo 112 louva o nome do Senhor. O nome do Senhor guia o povo. O testemunho missionário nasce não da ansiedade, mas da confiança. Como enfatizado pelo Papa Leão na sua mensagem missionária, a união com Cristo gera coragem, serenidade e generosidade — qualidades essenciais para a evangelização (cf. Papa Leão XIV, *Mensagem para o Domingo Mundial das Missões 2026*). Um discípulo temeroso não pode ser um mensageiro alegre.

Em Lucas 11,29-32, Jesus repreende a exigência de sinais. O único sinal dado é Jonas: o convite à conversão. A proclamação missionária sempre carrega consigo essa dimensão profética. O Evangelho não é um espetáculo, mas um convite à transformação. Nínive ouviu e converteu-se; a Rainha do Sul buscou sabedoria. A tragédia da incredulidade não reside na falta de evidências, mas na resistência do coração. Como nos lembra *Ad Gentes*, a conversão é a resposta essencial à proclamação missionária (cf. AG 13).

Em conjunto, estas leituras convidam a Igreja a redescobrir a essência da missão: a liberdade em Cristo, a confiança em Deus e a abertura à conversão. A evangelização brota de um coração liberto, sustentado pela fé e orientado para a transformação. Só uma Igreja assim pode tornar-se, em cada época, um sinal credível de esperança e salvação para o mundo.

Terça-feira, 13 de outubro de 2026

Gl 5,1-6; Sl 118; Lc 11,37-41

A Palavra de Deus hoje convida-nos a redescobrir a profunda verdade da liberdade cristã e a integridade do testemunho missionário.

Em Gálatas 5,1-6, a proclamação de Paulo é ao mesmo tempo libertadora e exigente: “Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres”. A liberdade, porém, não significa um retorno a uma vida egocêntrica, nem escravidão a observâncias externas. Circuncisão ou incircuncisão — símbolos de identidade religiosa — já não definem o crente. O que realmente importa é “a fé que actua pelo amor”. A vida missionária brota precisamente dessa dinâmica. A evangelização é crível quando a fé se torna visível na caridade. Como ensina *Ad Gentes*, a missão da Igreja não é meramente a transmissão da doutrina, mas a manifestação do amor de Deus no mundo (cf. AG 11).

No Salmo 118, o salmista louva a Deus e expressa seu desejo de preservar para sempre a palavra do Senhor. O louvor torna-se uma forma de testemunho. Um coração enraizado na fidelidade de Deus irradia esperança. A própria alegria cristã torna-se missionária, pois revela a presença viva de Deus com mais eloquência do que muitas palavras.

Em Lucas 11,37-41, Jesus aborda a obsessão dos fariseus com a pureza exterior. A crítica é contundente: “Vocês, fariseus, limpam o copo e o prato por fora, mas o vosso interior está cheio de roubo e maldade.” O Evangelho desmascara uma tentação perene: a correção religiosa sem conversão interior. Para os discípulos missionários, essa advertência é crucial. A credibilidade da mensagem depende da coerência da vida de cada um. Como nos lembra *Ad Gentes*, a Igreja evangeliza antes de tudo pelo testemunho — com o que vem antes do que diz (cf. AG 6).

A instrução de Jesus é notavelmente simples: “Antes, dai em esmola o que possuis, e tudo ficará puro para vós” (Lucas 11,41). A caridade purifica. O amor restaura a integridade. A missão não se sustenta nas aparências, mas em corações transformados.

As leituras de hoje convidam a Igreja a examinar-se a si mesma: a nossa liberdade está enraizada em Cristo? A nossa fé está viva no amor? O nosso testemunho é marcado pela autenticidade? Somente uma Igreja purificada internamente — com a fé viva pelo amor — pode tornar-se um sinal convincente do Reino de Deus no mundo.

Quarta-feira, 14 de outubro de 2026

Memória de São Calisto I, papa e mártir

Gl 5,18-25; Sl 1; Lc 11,42-46

As leituras de hoje confrontam-nos com uma verdade missionária fundamental: o Evangelho transforma não apenas a fê, mas a própria vida.

Em Gálatas 5,18-25, Paulo traça um claro contraste entre as “obras da carne” e os “frutos do Espírito”. Não se trata simplesmente de uma lista de preceitos morais, mas de um diagnóstico missionário. Uma vida dominada por ciúme, discórdia, egoísmo e excessos não pode revelar o Reino de Deus. A missão não se sustenta apenas em palavras, mas em transformações visíveis. O cristão torna-se sinal da presença de Deus quando o Espírito produz frutos: amor, alegria, paz, paciência e bondade. Como ensina *Ad Gentes*, a missão da Igreja é manifestar e comunicar a caridade de Deus a toda a humanidade (cf. AG 10). O fruto do Espírito é, portanto, missionário por natureza: torna perceptível o amor de Deus.

O Salmo 1 aprofunda essa visão. Os bem-aventurados deleitam-se na lei do Senhor e tornam-se como uma árvore plantada junto a ribeiros de água. Estabilidade, frutificação e resiliência: essas são qualidades missionárias. O discípulo enraizado em Deus torna-se uma fonte de vida para os outros. A missão requer enraizamento interior. Sem raízes profundas, o testemunho definha.

Em Lucas 11,42-46, Jesus oferece uma crítica penetrante à hipocrisia religiosa. Os fariseus observam meticulosamente os dízimos, mas negligenciam a justiça e o amor. Os doutores da lei impõem fardos, mas não demonstram compaixão. Aqui, o Evangelho expõe um perigo que sempre ameaça os crentes: a religiosidade externa sem conversão interior. Tal religião não é atraente; ela aliena. Como nos lembra *Ad Gentes*, a Igreja deve testemunhar por meio de uma vida que reflita o Evangelho que proclama (cf. AG 11).

Jesus não rejeita a lei, mas restaura a essência da mesma: justiça, misericórdia e amor. O discipulado missionário exige coerência. O fruto do Espírito deve moldar relacionamentos, prioridades e atitudes. A Palavra de hoje convida a Igreja a examinar sua autenticidade. As nossas vidas produzem o fruto do Espírito? A nossa religião liberta-nos ou sobrecarrega-nos? A verdadeira missão brota de uma vida cheia do Espírito, enraizada em Deus, a irradiar justiça; uma vida marcada pelo amor. Somente um testemunho assim torna o Evangelho crível no mundo.

Quinta-feira, 15 de outubro de 2026

Memória de Santa Teresa de Jesus, Virgem e Doutora da Igreja

Ef 1,1-10; Sl 97; Lc 11,47-54

As leituras de hoje revelam-nos a grande visão do plano da salvação de Deus.

Na sua Carta aos Efésios, São Paulo diz-nos que fomos escolhidos em Cristo mesmo antes da criação do mundo. O plano de Deus é claro: “reunir o universo inteiro, [...] sob uma só Cabeça, Cristo” (Ef 1,10). A missão começa aqui — não por nossa própria acção, mas pela iniciativa de Deus. Fazemos parte de um plano divino que busca reunir uma humanidade dividida em unidade e comunhão.

Como nos lembra *Ad Gentes*, a Igreja é missionária porque participa precisamente deste plano de Deus (cf. AG 2).

O Salmo 97 expressa esse plano com alegria: “Os confins da terra contemplaram a vitória do nosso Deus”. A salvação não deve permanecer oculta. Ela precisa de ser proclamada, celebrada e compartilhada.

O Papa Francisco enfatiza frequentemente que o Evangelho propaga-se pela alegria — uma alegria que atrai e conduz outros a Cristo. A missão nasce da gratidão e se expressa pelo testemunho.

Em Lucas 11,47-54, Jesus expõe uma contradição trágica. Os líderes religiosos honram os profetas exteriormente, mas perpetuam a própria resistência que levou à sua rejeição. Suas críticas são duras porque as consequências são graves. Aqui reside um perigo para todo o crente: preservar a religião sem permitir a conversão. A missão é prejudicada não apenas pela rejeição, mas também pela hipocrisia e pela mentalidade fechada.

Quando as estruturas religiosas se defendem em vez de acolher a voz de Deus, a Palavra é silenciada. O lamento de Jesus revela uma advertência missionária perene: pode-se preservar a tradição e ainda assim resistir à conversão.

Ad Gentes lembra-nos que a evangelização sempre envolve renovação e purificação (AG 5). A Igreja deve permanecer aberta à Palavra profética que proclama. A credibilidade da missão depende da coerência entre memória e obediência, doutrina e vida.

O Papa Leão XIV convida a Igreja a renovar o seu zelo missionário por meio da esperança e da conversão interior. Uma Igreja que escuta a Cristo torna-se uma Igreja que abre as suas portas.

Hoje somos convidados a responder: a reconhecer o plano de Deus, a nos alegrarmos na Sua salvação e a permanecermos abertos à Sua Palavra. Somente uma Igreja que escuta, se transforma e avança com alegria pode verdadeiramente tornar-se um sinal de unidade e de esperança para o mundo.

Sexta-feira, 16 de outubro de 2026

Memória de Santa Margarida Maria Alacoque, Virgem

Ef 1,11-14; Sl 32; Lc 12,1-7

A Palavra de Deus de hoje revela o fundamento profundo da missão cristã: identidade, confiança e testemunho destemido.

Em Efésios 1,11-14, S. Paulo fala da extraordinária dignidade dos crentes: escolhidos, predestinados, selados com o Espírito Santo. A missão começa aqui — não na atividade, mas na identidade. O cristão não é, antes de tudo, um trabalhador, mas um herdeiro. O Espírito é dado como um “selo” e uma “garantia”, marcando os crentes como pertencentes a Deus e conduzindo-os à plenitude da redenção. A missão, portanto, brota da gratidão. A Igreja, como nos lembra *Ad Gentes*, é missionária porque nasce do plano salvífico de Deus, não da iniciativa humana (cf. AG 2). A evangelização é a expressão jubilosa daquilo que já recebemos.

O salmo responsorial oferece uma visão que abrange a todos no amor da aliança de Deus.

Em Lucas 12,1-7, Jesus aborda o tema do medo — o grande obstáculo à missão. Ele adverte contra a hipocrisia, essa tênue linha divisória entre aparência e verdade. Tudo o que está oculto será revelado. A integridade missionária exige transparência de vida. Mas a mensagem central de Jesus é de consolação: “Não tenham medo”. A providência divina se estende até ao menor pardal; quanto mais àqueles a quem foi confiado o Evangelho.

A ausência de medo não é autoconfiança, mas sim confiança no cuidado fiel de Deus. Como ensina *Ad Gentes*, os missionários devem levar o Evangelho com coragem, apoiados na certeza de que a graça de Deus os precede e os acompanha (cf. AG 24).

Em conjunto, essas leituras moldam uma espiritualidade missionária. Somos herdeiros, selados pelo Espírito. Somos perdoados, sustentados pela misericórdia. Somos enviados, libertos do medo.

A missão não é motivada por ansiedade ou compulsão. É o esplendor natural de uma vida enraizada na eleição de Deus, fortalecida pela graça e sustentada pela providência. Uma Igreja que confia nessa identidade torna-se uma testemunha destemida e confiável para o mundo.

Sábado, 17 de outubro de 2026³

Memória de Santo Inácio de Antioquia, Bispo e Mártir

Ef 1,15-23; Sl 8; Lc 12,8-12

Jesus diz-nos muito diretamente no Evangelho de hoje: “Todo aquele que der testemunho de mim diante dos homens, o Filho do Homem também dará testemunho dele diante dos anjos de Deus”.

À primeira vista, isto pode parecer que se trata apenas de palavras — de saber se falamos publicamente sobre Jesus. Mas vai muito mais fundo. Trata-se de saber se toda a nossa vida o confessa ou o nega subtilmente.

Jesus pronuncia estas palavras enquanto prepara os seus discípulos para a missão. Sabe que enfrentarão pressão, oposição, até perseguição. Diz-lhes para não terem medo. O Pai cuida deles. O Filho estará com eles. E o Espírito Santo dar-lhes-á as palavras de que precisam. Não devem ter medo porque ao enviá-los, ele vai com eles.

Mas ainda há uma escolha a fazer: Confessaremos Cristo, ou permaneceremos em silêncio, especialmente quando custa?

O medo pode levar-nos a esconder a nossa fé, a ceder, a manter Jesus nas margens das nossas vidas. A fé, pelo contrário, dá-nos a coragem de viver abertamente como seus discípulos, confiando que a nossa vida está nas mãos de Deus.

Hoje, a Igreja dá-nos um poderoso exemplo em Santo Inácio de Antioquia. A caminho de Esmirna (atual Izmir, Turquia) para o seu martírio em Roma, aproveitou o púlpito das suas correntes para dar testemunho aos primeiros cristãos através de sete cartas. Numa delas, escreveu que queria tornar-se “o trigo de Deus”, moído como pão para Cristo. Compreendeu que seguir Jesus significava unir-se à entrega eucarística do Senhor, seguir o caminho do grão de trigo, “perder” a própria vida para a salvar. A maioria de nós não será chamada ao martírio. Mas todos somos chamados ao testemunho — diário, concreto e muitas vezes silencioso. Nas nossas famílias, no nosso trabalho, nas nossas conversas, na forma como amamos. Nesse testemunho, é Deus quem faz o trabalho mais pesado. Como escreveu o Papa Bento XVI na sua *Mensagem para o Domingo Mundial das Missões de 2009*, “A evangelização é obra do Espírito e que antes mesmo de ser ação, é testemunho e irradiação da luz de Cristo.”

Hoje, pela intercessão de Santo Inácio de Antioquia, peçamos a ajuda do Espírito Santo para refletir a luz de Cristo e confessá-Lo com os nossos lábios e com a nossa vida.

³Os comentários de 17 a 31 de outubro foram fornecidos por Mons. Roger Landry, Diretor Nacional da OPM nos Estados Unidos, ao qual expressamos a nossa sincera gratidão.

Domingo, 18 de outubro de 2026

100º Domingo Mundial das Missões

XXIX Domingo do Tempo Comum

Is 45,1.4-6 ; Sl 95; 1Ts 1,1-5b; Mt 22,15-21

Neste Domingo Mundial das Missões, enquanto rezamos pelos missionários de todo o mundo e por todos aqueles a quem se esforçam por levar Jesus e a sua obra salvadora, temos no Evangelho uma afirmação que vai ao coração da vida cristã: que Deus nos criou por amor à sua imagem e semelhança, que somos seus, e que nos chama à vida com ele.

Estas verdades são reveladas na acalorada conversa de Jesus com os fariseus e os herodianos.

Estes dois grupos — rigoristas e laxistas, respetivamente, e, portanto, geralmente opostos entre si — conspiram juntos para armar uma cilada a Jesus. A sua pergunta parece simples, mas é malevolamente calculada: “É lícito ou não é, pagar imposto a César?”

Se Jesus dissesse que sim, sabiam, arriscava-se a alienar o povo. Se dissesse que não, poderia ser acusado de incitar à rebelião contra Roma. Mas Jesus não se deixou apanhar na armadilha. Em vez disso, pediu uma moeda e colocou uma pergunta mais profunda: “De quem é a figura e inscrição nesta moeda?” Quando responderam “É de César,” ele disse: “Pois dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus!”

A resposta de Jesus é mais do que uma brilhante saída de um dilema político. Ele estava a conduzir-nos para além de uma questão sobre impostos, até à verdade da nossa identidade. Se a moeda tem a imagem do César e pertence ao César, então o que tem a imagem de Deus pertence a Deus.

Como atesta o primeiro capítulo da Bíblia, fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Pelo batismo, essa realidade criada foi intensificada: fomos unidos a Cristo, tornados filhos do Pai e templos do Espírito Santo. Não pertencemos a Deus parcialmente. Pertencemos-lhe inteiramente. Ele reclama-nos amorosamente como seus.

Este é o fundamento da nossa vida cristã e da nossa missão cristã.

A missão não começa pelo que dizemos ou fazemos, mas pelo que somos. Quando reconhecemos que a nossa vida é um dom de Deus e que em última análise lhe pertence, tudo muda. O nosso tempo, as nossas relações, o nosso trabalho, os nossos recursos — tudo se torna parte de uma oferta de nós próprios a Ele com gratidão e amor.

O Papa Leão XIV, na sua mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 2026*, escreveu que “quanto mais estivermos unidos em Cristo, mais poderemos realizar juntos a missão que Ele nos confia.”

Dessa união com Deus, e nele uns com os outros, brota toda a fecundidade missionária.

É por isso que o Evangelho nos desafia hoje.

Muitos de nós tentamos viver vidas divididas. Compartimentamos. Talvez demos algo a Deus, ou até muito a Deus, mas guardamos coisas para nós próprios. Jesus, no entanto, chama-nos a um dom total, a amar a Deus não apenas com parte, ou mesmo com a maior parte da nossa mente, coração, alma e forças, mas com tudo.

“Dar a Deus o que é de Deus” significa dar-lhe o que ele nos deu — e ele deu-nos a nossa vida, o nosso tempo, os nossos talentos, as nossas relações, os nossos recursos materiais, tudo o que somos e temos. Significa tratá-lo não apenas como parte da nossa vida, mas como a sua fonte, cume, raiz e centro.

Significa igualmente viver à imagem da Trindade, numa comunhão amorosa de pessoas com os nossos irmãos e irmãs. Este é o coração da missão, enquanto nós e toda a Igreja procuramos proclamar ao mundo à imagem de quem foram feitos e procuramos levá-los a ter uma verdadeira comunhão com Deus e connosco.

Neste *Domingo Mundial das Missões* lembramos que Deus está interessado em 100 de cada 100, em 8,1 mil milhões de 8,1 mil milhões. Como escreveu São Paulo VI para esta celebração em 1971, “Se alguma vez houve um momento em que os cristãos, mais do que nunca no passado, são chamados a

ser uma luz que ilumina o mundo, uma cidade situada numa montanha, um sal que dá sabor à vida dos homens, este, sem dúvida, é o nosso tempo. Nós, de facto, temos o antídoto ao pessimismo, aos presságios sombrios, ao desânimo e ao medo, de que o nosso tempo sofre. Temos a Boa Nova!”

Hoje, pois, o Senhor convida-nos a olhar de novo para as nossas vidas, não como algo que possuímos ou é nosso, mas como algo que recebemos como um dom e do qual somos administradores. Pede-nos que lhe devolvamos esse dom, livre e plenamente, especialmente através da forma como usamos o dom da vida para ajudar a levar outros a Ele.

A forma como mais refletimos a imagem divina é imitando as missões do Filho e do Espírito Santo e cooperando com o plano de amor salvífico de Deus Pai, para que nenhum dos seus filhos se perca, mas chegue à vida eterna.

Segunda-feira, 19 de outubro de 2026

Memorial dos Santos João de Brébeuf e Isaac Jogues, Presbíteros, e companheiros, Mártires

Memorial de São Paulo da Cruz, Presbítero

Ef 2,1-10; Sl 99; Lc 12,13-21

Um homem aproxima-se de Jesus, no Evangelho de hoje, com o que parece um pedido razoável: “Mestre, diz ao meu irmão que reparta a herança comigo.” Parece pedir justiça, mas Jesus procura conduzi-lo a ele e à multidão a uma consideração muito mais importante. Adverte todos, “Atenção! Tenham cuidado com qualquer tipo de ganância. Porque, mesmo que alguém tenha muitas coisas, a sua vida não depende de seus bens.”

São Paulo diria que a raiz de todos os males é “o amor ao dinheiro”, ou avareza (1 Tm 6,10). Jesus insistiria noutro lugar que não podemos servir a Deus e ao dinheiro (Mt 6,24); ou usaremos o dinheiro para servir a Deus ou, como o homem do Evangelho de hoje, esforçar-nos-emos por usar a Deus para buscar dinheiro.

Jesus, para ilustrar este ponto crucial da vida espiritual, dá-nos a parábola de um homem rico que teve uma colheita muito abundante. Os seus celeiros são demasiado pequenos para armazenar a produção; por isso, em vez de partilhar com os que têm fome, constrói celeiros maiores, pensando que isso lhe garantiria a vida no futuro previsível e lhe permitiria egoísta e egocentricamente “comer, beber e divertir-me.”

Mas Jesus chama-lhe néscio porque nessa mesma noite morreria e não poderia levar nenhuma das suas riquezas consigo. Jesus sublinha a moral da história: “Assim acontece com quem ajunta tesouros para si mesmo, mas não é rico para Deus.”

Jesus levanta a questão de saber se estamos a procurar nesciamente enriquecer em coisas mundanas ou a esforçar-nos sabiamente por sermos ricos no que verdadeiramente importa.

Sabemos o que importa, em última análise, a Deus. Jesus revelou-o através de tudo o que ensinou sobre o Reino de Deus, que disse ser um tesouro que valia a pena vender tudo o resto na vida para o obter (Mt 13,44). O próprio São Paulo o atestou quando descreveu que a fé, a esperança e o amor permanecem, mas o maior de tudo é o amor a Deus e aos outros (1 Cor 13,13). O que importa em última análise é a santidade, uma vida que se torna uma perfeição do amor divino.

Vemos essa perfeição nos grandes missionários que a Igreja celebra hoje: os Mártires da América do Norte, São João de Brébeuf, São Isaac Jogues e os seus companheiros. Cheios do amor de Deus, deixaram a sua França natal para levar o Evangelho ao novo mundo, no que é hoje o Canadá e o nordeste dos Estados Unidos. Suportaram longos e brutais invernos, nativos muitas vezes hostis e pouco recetivos, cativeiro, tortura e martírios selvagens. Mas fizeram-no para enriquecer outros com a vida e o amor de Cristo.

“A história das Missões destes últimos séculos demonstra-o, como uma época cheia de risco, aventura, heroísmo, martírio”, escreveu São Paulo VI para o Dia Mundial das Missões de 1968. “A fé tornou-se o que deve ser: dinâmica, incalculável, até temerária. A alegria de difundir o Evangelho compensou todo o esforço, todo o sacrifício.”

São João Paulo II acrescentou em 2005, “Se nos alimentamos do Corpo e do Sangue do Senhor crucificado e ressuscitado, não podemos conservar este «dom» somente para nós. Pelo contrário, é necessário difundi-lo. O amor apaixonado por Cristo leva ao anúncio corajoso de Cristo; anúncio que, com o martírio, se torna oferta suprema de amor a Deus e aos irmãos.”

O tipo de amor dinâmico e apaixonado que vemos nos grandes mártires missionários devemos testemunhá-lo habitualmente em todos aqueles que recebem Jesus eucarístico com pleno efeito. Aqueles de nós que o estimam e entram cada domingo, ou mesmo cada dia, na sua paixão, morte e ressurreição no altar, são chamados a deixar que essas riquezas transbordem na missão.

Por amor a Deus, não procuramos construir celeiros maiores, mas encher a casa do Pai com cada vez mais irmãos e irmãs, aqueles por quem Jesus deu a Sua vida e enviou a Igreja ao mundo inteiro para convidar ao banquete de Deus.

Jesus dá-nos uma imagem simples, mas marcante no Evangelho de hoje: “Estejam apertados os vossos cintos e acesas as vossas lâmpadas. Sede como homens que esperam o seu senhor ao voltar da festa de casamento.”

É uma imagem não de ansiedade ou medo, mas de prontidão, de uma vida vivida, desperta, atenta, preparada e vestida para sair ao encontro do Senhor quando regressar.

Esta prontidão brota de um amor que começa com a experiência de ser amado. São Paulo diz aos Efésios na primeira leitura de hoje que nós, que outrora “estávamos longe fomos trazidos para perto, graças ao sangue de Cristo.” Através da sua Cruz, Jesus derrubou os muros que nos separavam — entre judeus e gentios, entre a humanidade e Deus — e fez-nos “um.”

Antes de sairmos, somos primeiro aproximados. Antes de sermos enviados, somos unidos.

A Igreja não é uma coleção de indivíduos que seguem caminhos separados. É um povo feito um em Cristo, “edificado juntamente para habitação de Deus, no Espírito.” Essa unidade não é algo que criamos; é algo que recebemos, e algo que somos chamados a viver e partilhar.

Na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2026, o Papa Leão XIV focou-se na ligação entre unidade e missão, destacada pelo tema “Um em Cristo, unidos na missão.”

“Ser cristão”, sublinhou, “não é, em primeiro lugar, um conjunto de práticas ou ideias: é uma vida em união com Cristo, na qual nos tornamos participantes da relação filial que Ele vive com o Pai no Espírito Santo. Significa permanecer em Cristo como os ramos na videira (cf. Jo 15, 4), imersos na vida trinitária. Desta união, brota a comunhão recíproca entre os crentes e nasce toda a fecundidade missionária.”

Não saímos como indivíduos isolados. Com as lâmpadas acesas com a luz de Cristo e os rins cingidos prontos para partir, somos enviados como membros de um só Corpo, unidos em Cristo, levando a sua presença ao mundo. Quanto mais profundamente vivemos essa comunhão com Cristo e uns com os outros, mais credível se torna o nosso testemunho. Como vemos na Igreja primitiva, o testemunho coletivo de uma comunidade evangelizadora é mais forte do que a soma do testemunho de evangelizadores individuais.

Hoje, o Senhor convida-nos a viver com as lâmpadas acesas e os cintos cingidos — não apenas à espera do Seu regresso, mas vivendo na Sua presença agora e ansiosos por levar outros a Ele, para que possamos viver como um pelo Sangue que nos aproximou e o único Corpo que a Eucaristia nos faz.

No Evangelho de hoje, Jesus descreve um servo encarregado de uma responsabilidade cujo senhor regressa a uma hora inesperada; conclui com uma frase que deve ficar connosco: “A quem muito foi dado, muito será pedido.”

Isto não é fundamentalmente uma advertência, mas um lembrete da nossa dignidade, do nosso potencial e das sagradas responsabilidades que Deus nos confiou.

São Paulo estava consciente do seu valor, capacidades e deveres dados por Deus. Na primeira leitura, fala do “mistério... agora revelado” que tinha estado oculto por gerações: que todos os povos são chamados a participar da mesma promessa, em Cristo Jesus, através do Evangelho. O que outrora parecia reservado apenas aos judeus é agora oferecido a todos.

São Paulo compreende a sua vida à luz desse dom. Foi-lhe confiado este mistério, não para o guardar, mas para o proclamar.

Esta é a chave para compreender o que Jesus nos diz no Evangelho de hoje. Um servo é julgado, não pelo que possui ou quanto possui, mas pela forma como usa o que lhe foi confiado. Um servo bom e fiel distribui prudentemente o que o senhor lhe deu; o infiel e não merecedor de confiança usa os bens do senhor para si próprio e trata mal os outros.

Que tipo de administrador somos dos mistérios e dons do Senhor?

Recebemos os dons incríveis de conhecer a Cristo, da fé, da Palavra de Deus, dos Sacramentos, da comunhão da Igreja. E esses dons têm todos uma tarefa correspondente: transformando-nos, destinam-se a transformar o mundo. O que recebemos gratuitamente, somos chamados a dar gratuitamente.

Como escreveu o Papa Bento XVI na sua mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 2012*: “A fé é um dom que nos foi concedido para ser partilhado; é um talento recebido para que dê fruto; é uma luz que não deve ficar escondida, mas iluminar toda a casa. É o dom mais importante que recebemos na nossa vida e que não podemos guardar para nós mesmos.”

A missão, portanto, nunca pode permanecer uma dimensão opcional da vida cristã. É a sua expressão natural. Conhecer e amar Cristo implica querer fazê-lo conhecer e amar. Tivemos o privilégio de encontrar Jesus antes de outros e temos a doce tarefa de procurar ajudar outros a virem a conhecê-lo. Um dos testes para saber se nos relacionamos corretamente com Jesus é o zelo que temos em distribuir aos outros o alimento do Evangelho, de cada palavra que sai da boca de Deus, e em última análise o alimento da Santa Eucaristia, no momento oportuno. É isso que os servos bons e fiéis se esforçam por fazer.

Mas Jesus hoje também destaca que há aqueles que — aparentemente sem supervisão de Jesus por falta de consciência da Sua presença — começam a comportar-se pecaminosamente, focados apenas em si próprios e nos seus prazeres, até ao ponto de prejudicar outros.

O Senhor quer que todos sejamos servos bons e fiéis. Quer que nos lembremos de que nos foi dado “muito” e “ainda mais”; e quer que nós, animados por essa confiança, e atentos à Sua presença e bênção, partilhemos generosamente com os outros o que nos foi dado.

Quinta-feira, 22 de outubro de 2026

Memorial de São João Paulo II, Papa

Ef 3,14-21; Sl 32; Lc 12,49-53

No Evangelho de hoje, Jesus resume a sua vida, missão e esperanças quando diz: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra: e como gostaria que já estivesse aceso!”

Deus havia-se revelado a Moisés como um fogo, uma sarça ardente que nunca consumia os ramos. Enviou o Espírito Santo em línguas de fogo para que os primeiros apóstolos, e nós na nossa própria época, pudéssemos proclamar o Evangelho com ardor. O fogo é um símbolo do amor e Jesus quer incendiar o mundo inteiro com esse amor.

Quando São Paulo ora na primeira leitura de hoje para que possamos conhecer “a largura, o comprimento, a altura e a profundidade” do amor de Cristo, está a interceder para que possamos conhecer a intensidade e a temperatura da chama viva do amor divino e do desejo de Deus de que se espalhe em todas as dimensões.

São João Paulo II, cuja festa a Igreja celebra hoje com alegria, que se definiu como um “papa peregrino da evangelização” e que convocou toda a Igreja a “lançar ao mar profundo” (*Duc in altum*) como pescadores de homens no terceiro milénio, disse na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1997, que qualquer que seja o nosso estado de vida ou situação, “o que conta é que o coração arda com essa caridade divina que — só ela — é capaz de transformar em luz, fogo e vida nova” toda a existência humana.

Ele próprio ardeu com esse fogo, como outros papas recentes.

São Paulo VI, comentando o Evangelho de hoje na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1974, afirmou: “Deus é Amor e, como tal, deseja muito comunicar-se com os homens. Não brotaram estas palavras do Coração de Cristo, ardendo como a lava de um vulcão: “Eu vim para lançar fogo à terra.” (Lc 12,49).

O Papa Francisco em 2023 comentou: “Não se pode encontrar verdadeiramente Jesus ressuscitado, sem ser inflamar no desejo de o contar a todos. Por isso, o primeiro e principal recurso da missão são aqueles que reconheceram Cristo ressuscitado, nas Escrituras e na Eucaristia, e que trazem o seu fogo no coração e a sua luz no olhar” (Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2023).

O Papa Leão XIV no ano passado, na sua homilia para o Jubileu do Mundo Missionário, orou para que todos fôssemos renovados no “fogo da nossa vocação missionária” (5 de outubro de 2025).

Hoje podemos perguntar-nos: este fogo tomou conta de nós? Está a ser avivado numa chama ou está a ser extinto pela falta de óleo nas nossas lâmpadas ou pelos ventos dominantes?

Hoje peçamos a graça de conhecer “a largura, o comprimento, a altura e a profundidade” do amor ardente de Cristo e, iluminados de novo pelo fogo do Espírito Santo, saiamos um a um como contagiosos pirômanos espirituais para incendiar o mundo.

Sexta-feira, 23 de outubro de 2026

Ef 4,1-6; Sl 23; Lc 12,54-59

Jesus aponta no Evangelho de hoje com que facilidade as pessoas podem interpretar o tempo meteorológico, mas muitas vezes não conseguem ler os sinais espirituais dos tempos, como os múltiplos sinais que atestam a sua própria vinda como Messias e a inauguração do seu reino.

“Hipócritas!”, diz na esperança não de insultar, mas de converter: “Vocês sabem interpretar o aspecto da terra e do céu. Como é que vocês não sabem interpretar o tempo presente?”

Muito mais importante do que o tempo meteorológico é discernir o que Deus está a fazer. Jesus quer que nos concentremos não tanto em vestir a roupa certa para a temperatura ou em estarmos preparados para a chuva, mas antes em atender às suas palavras de nos arrependermos e crermos, pois, o reino de Deus chegou.

Jesus encoraja-nos a não adiar o que precisa de ser tratado. Fala de nos reconciliarmos com os outros enquanto estamos a caminho do juiz, de nos tornarmos artífices da paz, de assumirmos responsabilidades e de agirmos com urgência.

Tantas vezes, mesmo quando reconhecemos o que é certo, procrastinamos. Atrasamos pedir ou dar perdão. Evitamos conversas difíceis ou correções fraternas. Não aproveitamos as várias oportunidades para partilhar a nossa fé. Pensamos que amanhã, não hoje, é o tempo aceitável e o dia de salvação (2 Cor 6,2).

A missão da Igreja depende deste tipo de urgência, atenção e responsabilidade. Os campos estão maduros para a colheita (Jo 4,35).

São Paulo VI, na sua Mensagem para o Domingo Mundial das Missões de 1970, afirmou claramente que um dos sinais dos tempos que devemos ler hoje é a urgência de partilhar a nossa fé. Escreveu: “À necessidade de difundir a Palavra de salvação acrescentam-se hoje circunstâncias particulares, que Nos parecem ‘sinais dos tempos’ para uma vigorosa retomada de renovada atividade missionária. As palavras de Jesus aos discípulos vêm-nos aos lábios: ‘Digo-vos: levantai os vossos olhos e vede os campos que já estão maduros para a ceifa.’”

São João Paulo II fez a mesma observação em termos de preparar a Igreja e o mundo para o terceiro milénio do nascimento de Cristo. “Quantas vezes durante as minhas Visitas Apostólicas”, afirmou, “vi a colheita amadurecer e, todavia, me disseram que faltam missionários, sacerdotes, irmãos, irmãs, pessoas consagradas para o Evangelho!” (Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1996).

Sabemos que se o fruto está a amadurecer e não é colhido, rapidamente murcha e morre nos campos. A missão, portanto, é incompatível com a procrastinação.

Jesus mostra-nos essa urgência nas suas palavras sobre o Bom Pastor que imediatamente deixa as 99 ovelhas e vai em busca da ovelha perdida.

Muitos morrerão hoje sem nunca ter ouvido o Evangelho. Muitos mais viverão hoje sem a amizade com Cristo. Como é que isso vai afetar as nossas prioridades? Como esperaríamos que afetasse as prioridades de outros se fôssemos nós os que ainda não havíamos chegado a conhecer Jesus?

Hoje, independentemente de onde estamos e de qual é o tempo meteorológico, Jesus chama-nos a levantar os olhos e ver os campos que estão maduros. Do mesmo modo pede-nos que levantemos os olhos e o vejamos a Ele e a forma como olha com amor e saudade para aqueles que ainda não ouviram as Suas palavras nem receberam a Sua salvação. Depois pede-nos que, na jornada da vida, antes de encontrarmos o juiz, ajudemos a reconciliar o maior número possível com ele e connosco.

Sábado, 24 de outubro de 2026

Ef 4,7-16; Sl 121; Lc 13,1-9

Algumas pessoas aproximam-se de Jesus, no Evangelho de hoje, com uma notícia perturbadora sobre um massacre no templo, onde Pôncio Pilatos tinha mandado matar alguns que tinham subido para oferecer sacrifícios. Procuravam uma explicação — talvez alguns esperassem pôr Jesus contra Pilatos e os romanos — mas Ele não oferece nenhuma explicação. Em vez disso, muda o foco, perguntando se os que morreram eram maiores pecadores do que aqueles cujas vidas foram poupadas.

Ele próprio responde à sua pergunta, dizendo “De modo algum!” Reforça-o dizendo que os 18 que tinham morrido quando a torre de Siloé tragicamente caiu sobre eles não estavam amaldiçoados, nem eram mais culpados de pecado, do que os que ainda estavam vivos.

Depois disse algo direto e perturbador: “Se vocês não se converterem, vão morrer todos do mesmo modo.” Não queria dizer que todos iriam morrer num ataque aleatório ou num acidente, mas que, sem conversão, todos morreriam desprevenidos.

Reforça este apelo à conversão com uma parábola sobre uma figueira. Durante três anos, o dono veio à procura de fruto e não encontrou nenhum. Normalmente, se uma figueira não dá fruto até ao terceiro ano, nunca dará. No entanto, a árvore recebe mais um ano para ser cultivada, cuidada e ter todas as oportunidades de dar fruto, na esperança de que possa dar.

É uma imagem da misericórdia e da paciência de Deus. É também uma mensagem da sua expectativa de que daremos fruto. Esse fruto não pode ser compreendido apenas como atos genéricos de fé, esperança e amor, mas assim como as figueiras dão figos, os cristãos devem gerar cristãos.

Na primeira leitura de hoje, São Paulo recorda-nos que Cristo deu dons à sua Igreja “para equipar os santos para a obra do ministério, para edificar o corpo de Cristo.” Cada um de nós recebeu algo do Senhor, não apenas para nós próprios, mas para que a Igreja possa crescer e amadurecer.

O fruto não é simplesmente uma melhoria pessoal. É uma vida que, como a de Cristo e a dos santos, contribui para o crescimento espiritual dos outros e fortalece a Igreja.

São Paulo tinha percebido isso muito antes, que a conversão para ele não significava apenas parar a perseguição e o assassinio de cristãos e viver pessoalmente a fé. Em vez disso, escreveu: “O amor de Cristo é que nos impulsiona, quando consideramos que um só morreu por todos... Cristo morreu por todos, e assim, aqueles que vivem, já não vivem para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Cor 5,14-15).

Assim, para nós, a conversão não significa apenas eliminar maus hábitos e adquirir bons. Significa deixar de viver para nós próprios, mas viver para Cristo e para o que Cristo viveu e morreu: a salvação e santificação dos outros. Significa levar a sério a missão que Cristo nos deu e procurar dar fruto que perdure. Assim como a videira não dá fruto sem os ramos, assim Cristo a Videira não pode dar fruto sem a Igreja, sem tu e eu (Jo 15,1-8).

Por isso, a primeira coisa de que precisamos para dar fruto e aprender a lição da figueira é permanecer em Cristo. E o Papa Leão, na sua mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 2026*, recorda-nos: “Ser cristão... é uma vida em união com Cristo.... Significa permanecer em Cristo como os ramos na videira, imersos na vida trinitária.”

A segunda lição é que se realmente permanecermos em Cristo, daremos fruto. São João Paulo II escreveu na sua Mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 1991*, “Só aquele que está enxertado em Cristo como os ramos na videira pode produzir muito fruto” e diz que esse é o segredo do fruto dos grandes missionários e de todos os que os apoiam pela oração e pelo sacrifício.

O Senhor Jesus cultivou o solo com cuidado para que possamos dar fruto abundante. Rezemos para que nós e os nossos irmãos e irmãs na Igreja não sejamos como figueiras estéreis, mas correspondamos ao tempo que temos para tentar dar o máximo de fruto que pudermos para ele. Assim, independentemente de quando a nossa vida terrena termine, não seremos apanhados desprevenidos, mas encontraremos o Senhor na Sua vinda, com conversão contínua e fecundidade apostólica.

Domingo, 25 de outubro de 2026

XXX Domingo do Tempo Comum

Êx 22,20-26; Sl 17; 1Ts 1,5c-10; Mt 22,34-40

Um doutor da lei aproxima-se de Jesus, no Evangelho de hoje, com uma pergunta sobre a coisa mais importante que devemos fazer na vida. “Mestre”, pergunta, “qual é o maior mandamento da Lei?”

Não era uma pergunta fácil, porque há 613 preceitos no Antigo Testamento.

A resposta de Jesus, no entanto, é clara e sintética: “Ama ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento.”

Depois acrescenta duas coisas. “O segundo é semelhante a esse: Ama ao teu próximo como a ti mesmo.” E: “Toda a Lei e os Profetas”, ou seja, tudo o que Deus manda, “dependem desses dois mandamentos.”

Tudo na vida cristã brota do amor a Deus e do amor ao próximo, não como duas realidades separadas, mas como um movimento interrelacionado. Jesus não nos diz: “Amai-me como eu vos amei”, mas “amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.” O nosso amor por Jesus será mostrado no nosso amor pelo próximo, a quem Ele nos chama a amar com mente, coração e alma, sem reservas.

A primeira leitura do Livro do Êxodo torna isto muito concreto. Deus fala com urgência sobre o tratamento dos vulneráveis: o estrangeiro, a viúva, o órfão e o pobre. O nosso cuidado por eles revela o nosso amor a Deus. Mostra-se a nossa relação com Deus é real. Jesus tornaria isto abundantemente claro mais tarde quando diria que a forma como tratamos o faminto, o sedento, o nu, o estrangeiro, o doente ou o encarcerado é a forma como o tratamos a Ele (Mt 25,31-46).

Se partilhar o amor de Deus pelo próximo é tão essencial para a vida cristã, por que razão é, às vezes, tão difícil? A resposta encontra-se na segunda leitura, quando São Paulo recorda aos cristãos de Tessalónica como começou a sua fé: não simplesmente como um ensinamento que receberam, mas como um encontro que os transformou. “o Evangelho que pregamos não foi apresentado somente com palavras, mas com poder, com o Espírito Santo”, o que os ajudou a converter-se “dos ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro.”

Não podemos realmente amar como Jesus manda, a menos que tenhamos primeiro encontrado o Seu amor por nós. Somos amados primeiro, e desse amor aprendemos a amar.

Este é o fundamento da atividade missionária da Igreja.

Na sua mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 2026*, o Papa Leão XIV sublinhou que o amor é a “essência” da missão da Igreja. Disse: “A missão dos discípulos e de toda a Igreja é a continuação, no Espírito Santo, da missão de Cristo: uma missão que nasce do amor, que se vive no amor e que conduz ao amor. [...] Os Apóstolos, portanto, evangelizaram movidos pelo amor de Cristo e por Cristo (cf. 2 Cor 5, 14). Da mesma forma, ao longo dos séculos, numerosos cristãos, mártires, confessores, missionários, deram a vida para dar a conhecer este amor divino ao mundo. Assim, a missão evangelizadora da Igreja continua guiada pelo Espírito Santo, Espírito de amor, até ao fim dos tempos.”

O Papa Leão elogiou o amor a Deus e ao próximo encontrado nos missionários do passado e do presente, que se sacrificam para partilhar o amor de Deus com pessoas que outrora eram estranhos. Como São Francisco de Assis, que, outrora, lamentou “o amor não é amado”, instou-nos, como Santa Teresa de Lisieux, “a amar Jesus e a fazê-lo amar.”

Jesus no Evangelho de hoje deixa claro que amar a Deus e ao próximo — ou, nas palavras de Santa Teresa, amá-lo e fazê-lo amar — é a única coisa mais importante que precisamos de fazer. Tudo o resto que a Igreja faz depende deste duplo mandamento, que brota da experiência de Jesus ter-nos amado o suficiente para dar a Sua vida por nós e depois tornar-se o nosso mesmo alimento no Sacramento do Amor — o sinal eficaz do amor divino — no altar. Recebemos de novo esse amor, deixemo-nos transformar por ele ainda mais, e depois deixemos que esse amor transborde para a evangelização e transformação do mundo.

Segunda-feira, 26 de outubro de 2026

Ef 4,32-5,8; Sl 1; Lc 13,10-17

No Evangelho de hoje, Jesus encontra uma mulher que está curvada há dezoito anos, incapaz de se endireitar. Vê-a, chama-a para diante e diz: “Mulher, estás livre da tua doença!” Depois impõe-lhe as mãos, e imediatamente ela se endireita e começa a glorificar a Deus.

É um momento de cura e restauração. A mulher não é apenas libertada de um fardo físico, mas devolvida à sua plena dignidade. Pode ficar de pé novamente — diante de Deus, diante dos outros, plenamente ela própria.

A reação do chefe da sinagoga a este milagre é surpreendente. Objeta veementemente que o milagre tenha acontecido no sábado, como se o Dia do Senhor fosse um dia em que obras de amor pelos outros fossem de alguma forma proibidas.

Jesus responde com firmeza. Revela a verdade mais profunda: que Deus fez o sábado para o encontro com Deus, para a vida que Ele dá, para a liberdade que Ele concede, para a restauração e redenção dos Seus filhos. A missão de Jesus consistia em ajudar o seu povo a recuperar o sentido de que o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. Foi feito para o amor a Deus e ao próximo — que nunca pode ser verdadeiramente colocado em competição — e Deus é glorificado quando usamos o sábado para o amar a Ele e àqueles que Ele ama.

São Paulo, na primeira leitura, urge os cristãos de Éfeso a viverem de uma forma que reflita a nova vida que Cristo traz e que procura renovar a cada sábado: “Sejam bons e compreensivos uns com os outros, perdendo-se mutuamente, assim como Deus vos perdoou em Cristo”, acrescentando: “comportai-vos como filhos da luz.”

A missão da Igreja começa nesse amor e deve ser promovida, não sufocada, no Dia do Senhor. O dia em que cada semana nos reunimos como irmãos e irmãs para celebrar a Ressurreição do Senhor e a descida do Espírito Santo no Pentecostes, deve ser santificado, consagrado a Deus, precisamente para que, juntamente com os seus outros filhos espirituais, possamos amá-lo a Ele e amar os outros. É um dia da Igreja. É um dia de caridade. É um dia de missão.

Como escreveu São João Paulo II para o *Dia Mundial das Missões de 2005*, “Quando celebra a Eucaristia, de modo especial no Domingo, dia do Senhor, a comunidade eclesial experimenta à luz da fé o valor do encontro com Cristo crucificado e adquire cada vez mais consciência de que o Sacrifício Eucarístico é «por muitos» (Mt 26, 28). Se nos alimentamos do Corpo e do Sangue do Senhor crucificado e ressuscitado, não podemos conservar este «dom» somente para nós. Pelo contrário, é necessário difundi-lo. O amor apaixonado por Cristo leva ao anúncio corajoso de Cristo; anúncio que, com o martírio, se torna oferta suprema de amor a Deus e aos irmãos. A Eucaristia leva a uma acção evangelizadora generosa e a um compromisso efectivo na edificação de uma sociedade mais equitativa e fraterna.”

Perante tantos que estão curvados pelo peso de várias dificuldades, a Igreja, como Corpo Místico de Cristo, procura alcançá-los e ajudá-los a levantar as suas mentes, corações e olhos para Deus que os olha com um amor que cura. Cada Eucaristia, na qual reconhecemos Jesus sob as mais humildes aparências do que parece ser pão e vinho, ajuda-nos a reconhecê-lo nos necessitados, pois como nos recorda Santa Teresa de Calcutá, o mesmo que nos diz “Este é o meu Corpo” diz: “Tive fome e vós me destes de comer.”

O sábado cristão — e cada celebração da Santa Eucaristia — impulsiona a missão de caridade da Igreja, na qual cuidamos das necessidades espirituais, emocionais e corporais das pessoas. Ajuda-nos a ver as pessoas, como a mulher do Evangelho, não como meros objectos, mas como sujeitos da atenção e cuidado incessantes de Jesus e da Igreja.

Jesus dá-nos duas imagens muito simples no Evangelho de hoje: um grão de mostarda e uma pequena quantidade de fermento. Ambos parecem insignificantes. Ambos podem facilmente passar despercebidos. No entanto, ambos têm um poder oculto de transformar.

O grão de mostarda está destinado a tornar-se um grande arbusto, oferecendo abrigo às aves do céu. O fermento, misturado na farinha, faz levedar silenciosamente toda a massa. Em ambos os casos, a transformação é real, embora não imediata, e nem sempre visível à primeira vista.

Jesus usa as parábolas para ilustrar como o Reino de Deus cresce. Muitas vezes pensamos que a obra de Deus deve ser dramática, óbvia e inconfundível. Mas Jesus aponta-nos antes para algo pequeno, oculto e paciente. O Reino começa de formas que podem parecer quase frágeis, e, no entanto, carrega em si um poder que ultrapassa em muito o que podemos ver.

São Paulo, na primeira leitura, escreve sobre o Sacramento do Matrimônio, uma das formas em que Jesus envia os seus apóstolos dois a dois. Como vemos na vida dos Santos Priscila e Áquila no Novo Testamento, tantas vezes o reino de Deus cresce pelos casamentos, porque o casamento e a família são capazes de participar e transmitir algo do amor de Deus, que é o coração do Evangelho.

Numa passagem famosa da sua exortação apostólica de 1975, *Evangelii Nuntiandi*, São Paulo VI descreveu a história da evangelização em muitos lugares, antigos e modernos. Muitas vezes começa com um cristão, ou um casal, ou alguns.

“Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: Porque é que eles são assim? Porque é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Porque é que eles estão connosco?”

Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização.”

Em várias das suas mensagens para o Dia Mundial das Missões, São João Paulo II focou-se em como se realiza a missão da Igreja. O “pequeno rebanho” de Cristo, escreveu em 1999, “é enviado por toda a parte, pobre de meios humanos; porém, livre de condicionamentos, qual fermento de uma nova humanidade.” Em 1994, disse: “O único objetivo do missionário é proclamar o Evangelho a fim de edificar uma comunidade que se torne uma extensão da família de Jesus Cristo e seja o fermento para o crescimento do Reino de Deus.”

Nunca perdeu de vista a realidade de que o fermento é cozido com a massa no forno do sofrimento. Falando dos sofrimentos e da perseverança dos missionários, disse: “Sabemos que o seu esforço e os seus sofrimentos não serão perdidos, mas antes constituem o fermento que fará germinar no coração de outros apóstolos o anseio de se dedicarem à nobre causa do Evangelho” (Dia Mundial das Missões de 2000).

Chamou-os à esperança apesar disso, mesmo quando a semente não parece estar a crescer ou o fermento a fazer levedar algo. “Mesmo onde a pregação da Palavra está impedida”, disse em 1980, “a mera presença do missionário, com o seu testemunho de pobreza, caridade, santidade, já constitui uma forma eficaz de evangelização.” Elogiou os missionários “que, com imensos sacrifícios, às vezes, e entre dificuldades de todo o tipo, espalham a semente da Palavra, pela qual a Igreja se desenvolve e se enraíza no mundo.”

Assim, a missão da Igreja e o crescimento do Reino de Cristo acontece mais frequentemente não por grandes eventos como o primeiro Pentecostes, mas através dos pequenos actos e da fidelidade perseverante, caridade e perseverança esperançosa dos missionários.
Hoje, o Senhor convida-nos a confiar nesta obra oculta.

Quarta-feira, 28 de outubro de 2026

Festa dos Santos Simão e Judas, Apóstolos

Ef 2,19-22; Sl 18; Lc 6,12-19

No Evangelho de hoje, vemos Jesus em oração. Passa a noite inteira em comunhão com o Pai, e ao sair dessa oração escolhe os seus doze primeiros missionários. Entre eles estão dois apóstolos cuja festa celebramos hoje e sobre os quais sabemos relativamente pouco: Santos Simão e Judas.

Não se destacam nas narrativas evangélicas. Não deixam palavras registadas. No entanto, são escolhidos, chamados pelo nome, e Jesus confia-lhes a missão de proclamar o Seu reino.

Repara em quem Jesus escolhe. Não se dirigiu aos ascéticos fariseus, cuja vida toda era dedicada a tentar viver a lei na sua perfeição. Dirigiu-se a pessoas comuns. Fez uma rusga nos cais e nos escritórios de cobrança de impostos, encontrou pessoas debaixo de figueiras, e convocou os que eram péssimos investigadores privados a segui-lo para descobrir onde ele vivia.

Deus escolheu os fracos para que a missão fosse claramente obra Sua, não nossa. O que importa não é o estatuto mundano ou a formação, mas a fidelidade. Jesus não escolheu os apóstolos porque eram qualificados como estudiosos das Escrituras ou oradores poderosos. Chamou-os para que estivessem com Ele, aprendessem com Ele, e depois pudesse enviá-los para O anunciar (Mc 3,14).

Todo o cristão é primeiro chamado a estar com Cristo, a entrar em comunhão com Ele, e depois a ser enviado em conjunto com Ele. Também nós somos o fruto da oração do Senhor, chamados pelo nome para sermos Seus discípulos e por Ele encarregados de sermos enviados.

São Paulo, na primeira leitura, descreve a Igreja como “edifício que tem como alicerce os apóstolos e profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal dessa construção.” Isto não é apenas uma afirmação sobre os tempos passados; é uma realidade viva. A fé que recebemos chegou-nos através do testemunho e da obra dos apóstolos — incluindo Simão e Judas, cujas vidas foram dadas ao serviço do Evangelho, e que do céu continuam a sua obra pela Igreja.

Mas precisamos de edificar sobre os alicerces que eles próprios lançaram em Cristo, a Pedra Angular, e em Pedro, a Rocha. Os Santos Simão e Judas deram em última análise as suas vidas por Cristo no martírio. Agora é a nossa vez de darmos a nossa vida em testemunho.

O Papa Bento XVI, na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2006, disse: “O mandamento de difundir o anúncio deste amor foi confiado por Jesus aos Apóstolos depois da sua ressurreição, e os Apóstolos, interiormente transformados no dia do Pentecostes pelo poder do Espírito Santo, começaram a dar testemunho do Senhor morto e ressuscitado. A partir de então, a Igreja continua esta mesma missão, que constitui para todos os fiéis um compromisso irrenunciável e permanente.”

São João Paulo II, nas suas mensagens sobre a missão, instou-nos a depender do mesmo Espírito Santo que os encorajou. “É necessário que”, escreveu em 2003, “não enfraqueça o fervor nos apóstolos, especialmente para a missão ‘ad gentes.’” Em 1996, sublinhou: “Assim como o Espírito transformou o primeiro grupo de discípulos em corajosos apóstolos do Senhor e iluminados pregadores da Sua palavra, continua a preparar testemunhas do Evangelho nos nossos tempos.”

Cada um de nós foi chamado pelo nome, tanto quanto Simão e Judas foram. Cada um de nós tem um lugar na Igreja, um papel na sua missão, uma forma de dar testemunho de Cristo nas circunstâncias das nossas vidas, e o dom do Espírito Santo para nos fortalecer. Que esse Espírito Santo nos ajude a ser fiéis e fecundos até ao fim, como os santos que celebramos hoje.

Quinta-feira, 29 de outubro de 2026

Ef 6,10-20; Sl 143; Lc 13,31-35

No Evangelho de hoje, alguns fariseus vêm ter com Jesus com um aviso: “Deves ir embora daqui, porque Herodes quer te matar.”

Mas Jesus não se deixa intimidar.

“Vão dizer a essa raposa”, respondeu, “eu expulso demónios, e faço curas hoje e amanhã; e no terceiro dia terminarei o meu trabalho.”

Jesus tem clareza sobre quem é e sobre a Sua missão, e não deixa que o medo o redirecione. Livre e determinado, continua em frente, completando a obra que o Pai lhe confiou.

São Paulo, na primeira leitura, instrui os cristãos de Éfeso e todos nós a “fortalecer-nos no Senhor e no poder da sua força” e a “revestir-nos da armadura de Deus” para que possamos manter-nos firmes. A vida cristã, e a missão que dela brota, envolve uma luta real — não apenas contra aqueles que sabemos que se nos opõem, mas muitas vezes contra forças invisíveis e diabólicas que procuram enfraquecer a fé, dividir e desencorajar. Jesus veio para expulsar esses demónios, curar-nos e ajudar-nos a participar no cumprimento do Seu propósito “ao terceiro dia”, o dia da Sua ressurreição.

Apesar da determinação, do poderoso poder e da armadura espiritual de Jesus, no entanto, Ele ainda tinha um coração humano a bater com amor humano e divino. Por isso, era capaz de ser ferido, e vemos a sua tristeza mais adiante no Evangelho de hoje. Jesus olha para Jerusalém e lamenta: “Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos, como a galinha reúne os pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste!”

Veio para salvar, mas muitos rejeitaram a Sua obra redentora. Veio como luz, mas muitos, como descreve São João, preferiram as trevas. Veio como Amor encarnado, mas muitos recusaram-se a arrepender-se dos ídolos e crer no amor verdadeiro. Jesus não era indiferente a estas rejeições. Tal como uma mãe ou um pai cujo filho rejeita o amor paterno, Jesus importava-se demasiado para não se importar.

Jesus tentou preparar-nos para tristeza, rejeição e até perseguição e martírio. Disse-nos que alguns recusariam aceitar o Evangelho, que alguns membros da nossa família nos renegariam e trairiam porque o pomos a Ele em primeiro lugar; que alguns nos odiariam e profeririam todo o tipo de calúnias contra nós, que outros nos arrastariam perante as autoridades civis e religiosas e ainda que outros pensariam que estavam a servir a Deus ao matarem-nos.

Mas também Jesus nos disse o que fazer e por que o permitiria.

Treinou-nos para sacudirmos a rejeição e irmos para a próxima aldeia, não a lamber as nossas feridas, mas a anunciar a boa nova. Disse-nos que os nossos sofrimentos nos dariam um púlpito onde, juntamente com o Espírito Santo, poderíamos dar um testemunho muito mais eficaz, que preferimos Jesus mesmo à nossa vida terrena.

E fortalece-nos com a armadura de Deus para permanecermos fiéis no bom combate da fé e guardarmos a fé transmitindo-a.

Vemos isso na Igreja primitiva: duas coisas ajudaram a converter o Império Romano. A primeira foi o exemplo da caridade cristã. A segunda foi o testemunho dos mártires, de que pessoas sensatas estavam audaciosamente dispostas a sofrer torturas sádicas e execuções por amor a Jesus que anteriormente havia dado a Sua vida pela deles; porque acreditavam que após a sua morte ressuscitariam com Ele para sempre. Às vezes a forma mais poderosa de converter os que obstinadamente não querem aceitar o Evangelho é os cristãos mostrarem quanto estão dispostos a suportar por amor.

O Papa Francisco falou com admiração sobre a coragem necessária para ser discípulos e apóstolos na sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Missões.

“Por fim, o meu pensamento vai para os cristãos que, em várias partes do mundo, encontram dificuldade em professar abertamente a própria fé e ver reconhecido o direito a vivê-la dignamente”, escreveu em 2013. “São nossos irmãos e irmãs, testemunhas corajosas — ainda mais numerosas do

que os mártires nos primeiros séculos — que suportam com perseverança apostólica as várias formas actuais de perseguição. Não poucos arriscam a própria vida para permanecer fiéis ao Evangelho de Cristo. [...] repito-lhes as palavras consoladoras de Jesus: ‘Tende confiança, Eu já venci o mundo’ (Jo 16,33)”.

Sexta-feira, 30 de outubro de 2026

Fl 1,1-11; Sl 110; Lc 14,1-6

No Evangelho de hoje, um homem que sofre de hidropisia é trazido diante de Jesus, em dia de sábado. Os presentes na casa do fariseu onde Jesus foi convidado para jantar observavam Jesus de perto para ver se o curaria e quebraria o que pensavam ser a lei de santificar o dia do Senhor.

Jesus, reconhecendo a situação e para expor a sua hipocrisia, pergunta em voz alta: “A Lei permite ou não permite curar em dia de sábado?” Recusaram-se a responder. Por isso Jesus cura o homem e manda-o embora. Depois comenta: “Se alguém de vocês tem um filho ou um boi que caiu num poço, não o tiraria logo, mesmo em dia de sábado?” Ficaram com laringite mais uma vez, mas a sua resposta era clara: resgatarem imediatamente o seu filho e mesmo o seu animal em tal situação.

A questão não era, portanto, a lei e o que Deus permitia no Dia do Sábado, mas o amor. Simplesmente não amavam o homem com hidropisia, assim como realmente não se importavam com os outros que Jesus curou no Dia do Senhor.

Jesus viera mostrar que é possível amar no Dia do Senhor, fazer o bem, curar.

“Jesus rompe os limites estreitos”, escreveu o Papa Francisco na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2019, “chamando-os [discípulos] a crescer no respeito pela dignidade do homem e da mulher.” A lei está fundada no amor a Deus e ao próximo. Foi dada para a vida, não contra ela. A misericórdia não é uma exceção à lei, mas o seu significado mais profundo.

São Paulo, na primeira leitura, abre a sua carta aos Filipenses orando por eles para que “o seu amor cresça cada vez mais em perspicácia e sensibilidade em todas as coisas. Desse modo, poderão distinguir o que é melhor.” É isto que Jesus está a revelar no Evangelho: um amor que vê o que verdadeiramente importa e age.

É possível seguir as regras e apesar disso perder o coração do Evangelho. É possível estar correto e não ser misericordioso. São Paulo diz que é possível carecer de amor mesmo quando se compreendem todos os mistérios, tem-se a fé para mover montanhas e a disposição de entregar o próprio corpo aos torturadores (1 Cor 13,1-4).

Jesus, no entanto, mostra-nos que a verdadeira fidelidade a Deus nunca está separada do amor e das suas várias expressões, como a misericórdia, a compaixão e o cuidado.

A ligação entre missão e misericórdia não pode ser suficientemente enfatizada. Toda a missão de Cristo é uma de misericórdia e ele envia-nos como ministros e missionários desse amor misericordioso. A verdade sozinha não é suficiente. Tem de ser “a fé que age pelo amor” (Gl 5,6). Os cristãos são chamados a dar testemunho de Jesus, que é o “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6) mas que é sempre misericordioso como Deus Pai é Misericordioso (Lc 6,36) e nos chama à santidade precisamente através da misericórdia (Mt 5,7).

O Papa Francisco, durante o Jubileu da Misericórdia de 2016, escreveu belamente sobre a ligação entre a misericórdia de Deus e a missão. Disse que a Igreja “tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, e anunciá-la em todos os cantos da terra, até alcançar toda a mulher, homem, idoso, jovem e criança. [...] A primeira comunidade que, no meio da humanidade, vive a misericórdia de Cristo é a Igreja. [...] e deste amor, ela deduz o estilo do seu mandato, vive dele e dá-o a conhecer aos povos” (Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2016).

É, de facto, não apenas lícito, mas louvável fazer o bem no Sábado e em qualquer dia que Deus nos dá. A Igreja vive como testemunha e mesmo como sacramento da misericórdia de Deus. E a oração de São Paulo e de todos os santos é que esse amor misericordioso continue a crescer cada vez mais.

Sábado, 31 de outubro de 2026

Fl 1,18b -26; Sl 41; Lc 14,1.7-11

Neste último dia do Mês Mundial das Missões, enquanto continuamos a rezar pelos missionários de todo o mundo e por todos aqueles a quem proclamam a Palavra de Deus e levam os sacramentos, o Evangelho de hoje faz-nos focar numa virtude essencial na vida de todo o missionário: a humildade. A cena é muito humana e familiar para nós. Quando os convidados chegam a uma refeição, escolhem os melhores lugares para se sentar. Jesus aproveita a ocasião para dar uma lição sobre a vida espiritual. “quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar”, diz Jesus, para que o anfitrião não se aproxime e te peça para ceder o teu lugar a outra pessoa, mas antes te convide a mover-te para uma posição mais elevada. Depois extrai a lição moral: “Na verdade, quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado.”

Jesus não está simplesmente a oferecer conselhos sobre boas maneiras. Está a revelar as qualidades e a lógica do Reino de Deus.

No mundo, somos muitas vezes programados para procurar reconhecimento, para nos promovermos, para nos adiantarmos em comparação com os outros. Mas o caminho do Reino é diferente. É o caminho da humildade, baseado no reconhecimento de que o nosso lugar é algo que recebemos, não tomamos. Quanto mais humildes nos tornamos, mais Deus pode agir grandiosamente e chamar-nos a um lugar mais alto.

João Batista, o proto missionário do Senhor Jesus, viveu desta forma, dizendo: “É preciso que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30).

São Paulo, na primeira leitura de hoje, expressou um desejo semelhante aos primeiros cristãos de Filipos. Escrevendo da prisão, reflete sobre a sua condição presente em comparação com o seu trabalho missionário anterior. Conclui humildemente: “manifestar com toda a coragem a glória de Cristo em meu corpo, tanto na vida, como na morte.” Pergunta: “Que importa” — se está preso ou livre, vivo ou morto — “contanto que de todas as formas, seja por pretexto ou com sinceridade, Cristo seja anunciado?”

Não está centrado em si próprio, ou no seu estatuto, mas apenas em que Cristo seja dado a conhecer. A humildade não é pensar menos de nós próprios. É pensar menos em nós próprios — de facto muito menos, porque as nossas vidas estão centradas em Cristo. Quando Cristo se torna o nosso centro, somos libertados da tentação de nos afirmarmos, de nos compararmos com os outros, de procurar reconhecimento. Somos libertados para servir.

É por isso que a humildade é essencial para a missão da Igreja.

O Evangelho nunca avança eficazmente através de autopromovidos que procuram proeminência, louvor ou cargos. É proclamado por aqueles que estão dispostos a ocupar o lugar mais baixo — a servir silenciosamente, a dar sem chamar a atenção para si próprios, a deixar que Cristo seja visto em vez deles próprios. Foi isto que Jesus ensinou a Tiago e João e a todos os discípulos quando costumavam disputar posições no que assumiam que seria o seu gabinete terreno como Messias e Filho de David. Jesus, pelo contrário, ensinou-lhes que o primeiro seria o último e o maior seria aquele que servisse os demais (Mt 20,20-28).

Na sua Mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 2002*, São João Paulo II disse que os missionários aprendem esta humildade através do abraço e da proclamação — com palavras e linguagem corporal — da Cruz de Cristo. “Com a contemplação da Cruz aprendemos a viver na humildade e no perdão, na paz e na comunhão.” No Calvário e na vida e missão quotidianas, aprendemos a morrer a nós próprios para que Cristo possa viver.

Isso afecta toda a cultura da Igreja e a forma como realizamos a missão. Não há triunfalismo ou sentido de superioridade, mas um de serviço autêntico. “No final, esta missão é dele [de Jesus]”, escreveu o Papa Francisco na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2023, “nós somos simplesmente os seus humildes colaboradores, ‘servos inúteis’ (cf. Lc 17, 10).” Na sua Mensagem de

2017: “A missão adverte a Igreja de que não é fim em si mesma, mas instrumento e mediação do Reino.”

Hoje, o Senhor convida-nos a examinar a consciência para determinar, mesmo enquanto nos esforçamos por continuar a Sua obra salvadora, se o estamos a fazer com motivos impuros, procurando para nós a honra e a glória que são apenas Suas.

Convida-nos de novo a unir o nosso jugo ao Seu e a aprender dele que é manso e humilde de coração (Mt 11,29), e a esforçar-nos por levar a cabo a missão que nos deu com a mesma humildade que caracterizou a Sua encarnação, nascimento, vida oculta, paixão, morte e entrega eucarística.

E enquanto nos preparamos para a celebração de Todos os Santos, pedimos a todos os que estão no céu que rezem por nós, para que, como humildes discípulos e missionários até ao fim, possamos de facto ouvi-lo dizer: “Amigo, sobe mais acima,” para nos unirmos a ele e a eles para sempre.